

REVISTA ILUSTRADA

CORTE

Anno	16 \$ 000
Semestre	9 \$ 000
Trimestre	5 \$ 000

PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI

A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas
 a Rua da Assembleia 44 Officina Lithographica da Revista Illustrada.

PROVINCIAS

Anno	20 \$ 000
Semestre	11 \$ 000
Avulso	\$ 5,00



100:000000!! sendo 66:666666 fornecidos pelo Governo e 33:333333 fornecidos pelo povo por meio de subscrições, para os nossos 'soi-dibant' scientificos espiar a pastagem de Venus pelo Sol !!! Não comentamos por ora tamanho disparate.

Revista Illustrada

CHRONICAS FLUMINENSES

Rio, 10 de dezembro.

Eis chegadas as férias escolares...

Os directores mais retardatarios já fecharam os seus collegios, e os metinos, livres das classes, descansados dos compendios, gozam alegremente a esta hora do seu jubileo annual. E' o seu fechamento das portas... As férias são-lhes a quadra abençoada e feliz do sonho sem a sineta de alarma, do passeio livre do espião, do allivio dos velhos classicos, é o gozo emfim d'essa „paz etherea“ que os poetas pagãos sonhavam nas perspectivas inefflavéis dos campos elysios e a recompensa justa dos que luctaram pelo saber.

E' preciso ter sido collegial, para bem avaliar o quanto é cubiqado esse repouso suavizador...

Entretanto, já hoje o collegio não é uma prisão inquisitorial, a classe já não é um supplicio attribulante, nem a lição um eito sem tregoua, acoroçado pela ferula impertinente do velho mestre inexoravel. Hoje, ensina-se; não se bate. A palmatoria desapiedada foi vantajosamente substituida pelo methodo, e já se não mette o abc no crebro do menino pelas brechas abertas no crano; a grammatica já chega á comprehensão da creança sem lhe fazer escala pelas mãos. E nem por isso ellas aprendem menos e sabem menos depressa que os nossos antepassados.

Pelo contrario! Exemplo? O collegio Menezes-Vieira...

++ Não se bate alli, ensina-se a creança, não ha castigo, ha promessa, o carinho em vez do bato, um jardim em lugar da escola.

E quanto progresso! quanta alegria! Os meninos brincam *pueri ludant* e brincando aprendem, e os que aprenderam á custa do bato devem ter realmente muita inveja de terem vindo tão cedo n'um mundo tão atrazado...

Eu preferi sempre a recompensa ao castigo, e acho que mesmo como systema de ensino a pancada é a logica dos que não tem razão. A historia não tem um só exemplo de grande homem feito á socco: Socrates onsinou sem bato e deu Platão;

Aristoteles apprendeu sem pancada e ensinou sem burro Alexandre o grande; em mesmo ainda hoje commetto constantemente um erro de orthographia por birra do meu professor, que dava mais do que explicava:

Foi por occasião da minha primeira escripta. Depois de ter garatujado o alfabeto minuscuro, fui apresental-a ao mestre:

— Panha o seu nome por baixo, disse-me elle.

Voltei á meza e desenhei um *josé*, com *j* pequeno, o unico que eu sabia então fazer, e torno com a escripta ao mestre, horror! o velho ficou possesso, esbugalhou os olhos, mirou-me a mim e a meu *j* pequeno que elle taxou de attentado e em vez de explicar orçou em dois bolos cada inicial pequena do meu nome... Compreendem que eu fugi. E desde então, por birra ao meu Nicolau Tolentino, edição barata, deliberei só assignar-me com *j* pequeno.

E' um erro, vim a saber depois, mas consola-me essa pequena vingança.

++ Para os senadores é que decididamente não ha férias este anno... Cada artigo da reforma eleitoral, rendendo invariavelmente assumpto para tres dias de discussão e duzentos e vinte e cinco mil reis a cada senador, a sessão extraordinaria ameaça ser mais longa do que a ordinaria. E' o *postscriptum* maior que a carta!... Senadores ha que tem provado mais de vinte vezes a inconstitucionalidade do projecto! apenas foram votados quinze artigos, e já o Sr. Candido Mendes pronouçou vinte e tres discursos... Tres por dois artigos, aproximadamente...

Não é uma reforma que se discute, é uma mina que o sonado explora!

++ Ainda um padre que dá que falar de si! E quando um padre dá que falar de si, é sempre por uma offensa á moral... Ha dias, era um que negociava em escravas; agora é um vigario que impõe a uma noiva a penitencia de varrer a capolla de S. Serafim, onde, acotado, espera a penitente e violenta, apesar da resistencia da victima e dos olhares ternos do Christo, cuja santidade elles pregam. E fallam em castigos do céu, esses caftens da religião!...

O facto dou-se em Pernambuco, e ha de se reproduzir por toda parte, em quanto o padre for simplesmente o homem inutil e

desoccupado como é. Stendhal, depois de ter percorrido o interior da França, diz que se o padre tivesse seguido um curso de agricultura, o peccado de roubar o vizinho seria maior do que o de faltar á missa. E eu creio; se o padre é sobretudo um perigo para a sociedade, é por não ter uma occupação séria; no seu officio de mandrião está o seu principal defeito. Só os desoccupados se occupam em namorar!

++ Entre nós sobretudo, o mal é ainda maior: o pai só destina ao seminario o filho maior, o peor educado.

— Quero ver se ao menos *dá para padre*, diz o pai desenganado de fazer d'elle coisa melhor. E mette-o no seminario, antes que a policia o metta na Correoção. D'esta semente não podem vir bons fructos; o padre é por consequente mau, perverso, immoral, inutil porque absorve sem produzir, é uma bocca que come, e dois braços que nada fazem. O ocio torna-o vicioso, e um vicioso com dominio sobre as familias, tendo o confessorario para tramar á vontade os romances pornographicos que imagina nas horas de preguiça, e na malandricas das sextas.

Dêem-lhe um officio, e elle será um homem util e decente; não o querem D. Juan do sacristia?...

Mandem o padre plantar batatas.

++ Ainda um suicidio de que as barcas de Nictheroy são campico innocente! mais um infeliz que resolveu as difficuldades da vida pelo mergulho — por via humida, como diria um chimico. Decididamente as barcas tornam-se um perigo, o o mergulho uma epidemia.

„O mar tem attracções sinistras“ disse o grande poeta.

Ego

Gazetilha

A redacção da *Revista Illustrada* continúa a gozar optima saude e cada vez melhor disposta a não se suicidar. Até não vai á Praia-Grande, com receio de calir em tentação do mergulho, por duzentos réis!

+

O Conservatorio dramatico acaba de negar o visto ao *Droit du Seigneur* que tanto

sucesso obteve em Paris. Consta que esta decisão da censura foi assim tomada de conformidade com o parecer do Sr. Alberto Miranda.

*

Não morreu o *Correio*, como erradamente annunciámos, da vez passada, pelo contrario. E o nosso equívoco proveio de que não o *Clareira*, mas o *Cruzeiro* vai morrer brevemente... O que rectificamos.

*

O Sr. Marti a Francisco declarava antehontem ao Sr. Martinho Campos que decididamente, se os abolicionistas dão outro jantur e os escravocratas nenhum, elle se passa para o lado do perú.

*

Tendo o Sr. chefe de policia admittido as cabeças cobertas durante os espectaculos, os carecas, diz-se, vão offerecer-lhe um busto de marmore, como sincera e merecida prova de gratidão.

*

O Sr. Julio Cesar Machado, que vio representar em Lisboa *Theresa Raquin* e os *Trinta botões*, achou que a primeira peça é uma immundicia, uma velharia e que a segunda é uma maravilha. Decididamente ha desgostos para tudo n'este mundo.

*

Pela casa Canongia foi editada a polka *E' um segredo, não posso contar*, do Sr. Eduardo França. Começamos a ensaiá-la ao piano; mas a visinha do segundo andar, que anda sempre de enxaqueca, — a visinha — pediu-nos graça. Nós cedemos.

*

O Sr. João Martins do Pinho apresentou á meza administrativa da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo um relatorio, do qual recebemos um exemplar que ainda não lemos a que provavelmente...

*

O camarote da policia vai-se tornando um rival temível para o do Conservatorio— Amãos transbordam de amigos e convidados.

*

— Olha aquelle individuo que só tem um olho!

O Simplicio, compassivo: — Coitado! não brinques, elle é talvez cego do outro.

R.

Cartas d'um fluminense a um roceiro.

CÔRTE.

Assim, meu caro Amoleto, aborreces-te na roça, e pedes-me novidades da côrte na esperança de que sejam ellas um remedio contra o tedio que te invade. Como tu te enganas! relativamente ao tedio a côrte tem uma unica vantagem sobre a roça: é que lá a gente se aborrece a si mesma; aqui são os outros que nós amolam. E' um incommodo de menos.

Um incommodo? ou um direito?

Quando é a gente que se aborrece a si mesmo, tem ao menos o direito de escolher como se enfiar; em quanto que nem esta consolação nos resta, se são os outros que nos *excetiam*. E por Baccho! pensas talvez que é agradável nas matellares diariamente os ouvidos com esse chapa essencialmente agricola: a desorganisação do trabalho?

Diz-se-hia que os escravocratas não tem em favor da sua causa senão o refutavel argumento dos outros continuarem a trabalhar para elles. O *Cruzeiro*, mesmo na sua *Revue pour l'exterieur*, onde traduz torpedo por *torpedé* e liberto por *liberté*, não falla senão da desorganisação da trabalho. Na opinião d'esses negrophobes, só pode haver organisação do trabalho, segundo o regimen do velho crú e sob a ameaça do jejum no tronco; só o escravo trabalha então?

O homem livre é pois um vagabundo?

Ha no Brasil onze milhões de habitantes, milhão e meio de escravos, e como na opinião dos negrivoros, só o escravo trabalha, temos nove milhões e meio de peraltas, de vagabundos, de preguiçosos, de mandriões vivendo exclusivamente á custa dos escravos! Chega a ser uma ironia, isso!

§

Afançam-te que S. M. está com os escravocratas. Injustiça, meu amigo! E se tu mesmo achas que a abolição é uma guerra dos que não tem, contra os que tem; como queres que o imperador seja esclavogista? elle que não possui um só e que foi o verdadeiro heróe da emancipação do ventre!

E' preciso ser razoavel.

Abolicionistas são, dizes tu, os que não tem escravos; é talvez verdade. Mas em compensação e que parece definitivamente

provado e que escravocratas tambem são e são os que tiram do snor do escravo o seu viver do nababo, os que vivem á custa d'elles a vida feliz do ricasço.

Vás apontar apenas commerciantes bem poucos, e os redactores do *Cruzeiro*... Os negociantes esses porque tem capitães empenhados na lavoura; e os redactores do *Cruzeiro*, sabes quem são elles?

— O Sr. Reinaldo Carlos Montôro.

E' verdade, um negrophobo muito justificado, que uma noite se deitou, padeiro, e no seguinte accordou jornalista negreiro. Foi outrora negociante de escravos, e hoje sonha talvez retomar o antigo commercio que parece, la rendia mais do que a padaria de Vassouras.

E assim dos outros, meu amigo.

Devo dizer-te mesmo que lamento sinceramente não ver surgir no jornal negreiro um homem que ou por seu desinteresse ou por seus argumentos, fosse uma resistencia seria porque:

— Quando se apresentar na imprensa um nome de peso, discutindo honestamente, eu sahirei tambem do meus silencio.

Dizia ultimamente antigo valente jornalista, que depois de ter brilhado no nosso jornalismo mais do que ninguém brillou, depoz a penna e retirou-se como Solon da vida tempestuosa da politica.

— Estou muito velho, accrescentou elle, a mão treme-me; quando a minha penna se negar a seguir o meu pensamento, eu dictarei, minha filha escreverá.

§

Só por isso, confesso, só para o ver de novo, deuodado athleta, restituído á arena dos seus brilhantes triumphos, eu desejaría que a causa escravocrata contasse um defensor intelligente.

Bem sabes de quem quero fallar... Tem sido lamentavelmente longo o son retiro; mas de sua passagem pela imprensa ficou o traço tão luminoso, tão resplandecente, tão brilhantemente que jamais se apagará da memoria dos que o leram e admiraram.

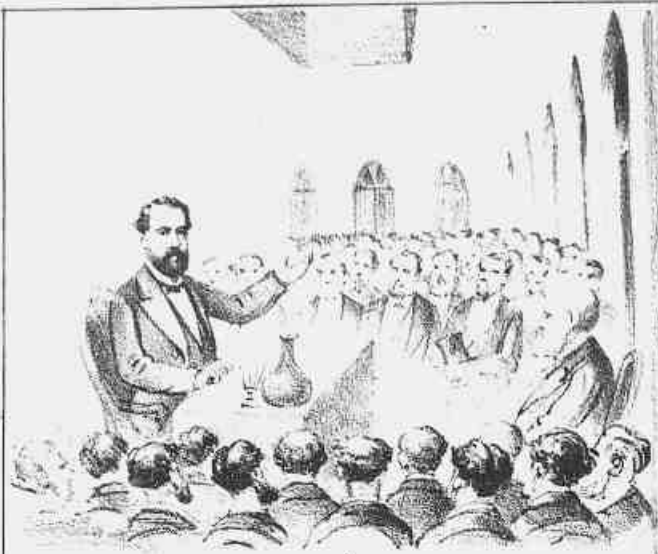
§

E' verdade que ainda assim a causa dos escravocratas muito perderia, mas em summa, seria mais bella a lucta. E de qualquer modo, desculpa a franqueza, parece definitivamente decidido, fatal que os fazendeiros é que pagam o pato...

Adeus.

A. de Lino.

Industria



Conferencia na escola de 1890.

Folgamos de ver o religiosissimo Sr. Ferreira Vianna empregar o seu talento em alguma coisa util, desferendo a nossa industria. Assim ao menos presta um relevante servico ao Paiz.



AOS SENHORES DE ESPIRITO, O REINO DO CÉU.

Outro tanto nao acontece com as conferencias religiosas, a coisa mais banal, improfica, ociosa e ridicula.



E' tempo do Governo olhar para a nossa industria, namora-la até.

O corpo legislativo tambem agrada-lhe com alguns presentes que ella receberá com especial agrado.



A 'lavoura coitada' nem sempre poderá aguentar o peso e um bello dia has, 'luz'... a menos que a industria então forte e robusta venha em seu auxilio.



Se a grande Republica da America do Norte, fosse um Paiz essencialmente agricola, não teria resistido a tremenda lucta. Foi a sua industria quem a amparou, pois que a lavoura estava gravemente ferida.



Hoje tanto uma como outra são mais poderosas ainda e dominam o Mundo inteiro.

Lavoura.



Es da Agricultura estendeu mão protectora à hortaliça. Muito bem.



Essa medida essencialmente agricola é digna de todo o louvor. Consta-nos que as quitandeiras vão agradecer e deitar discurso. O que lê etc.



Acabamos de elogiar esse bello acto do governo concernente a lavoura, no entanto dizem-nos que os fazendeiros estão favoros com a Revista e ameaçam-nos até suspender as suas assignaturas.



Isto na verdade, contrista-nos de um modo horrivel! Que ignorância e que injustica!!

Nos que sabemos o Cafe como um nestar, e com assucar, que apreciamos um bom cigarro, que gostamos de uma boa lecionada, que damos o devido apreço ao Arroz, a Canica, a mandioca, ao Arroz, ao Quindombó e outras delicias que constituiem a lavoura nacional!



Xangam-se comnosco, porque temos a franqueza de dizer que a nossa lavoura vista de perto é muito feia, muito velha e muito repugnante.

Estão furiosos, porque nos preferimos uma outra lavoura mais bonita, forte, robusta, fazenda, buchada e substancia, e livre e desembaraçada.

PELOS THEATROS

Um pulo de oito dias, se dão licença.

E-me absolutamente indispensavel esse recurso gymnastico: ando atrozado como um carteiro, e seria enfadonho um retrospecto.

Do mais, tão raro é se representar entre nós uma peça nacional, que os leitores, estou certo, se entreterão voluntariamente da *Senha*, drama n'um acto mau, do Dr. Correia de Menezes, que resolveu agora deixar a magistratura para abraçar a arte dramatica.

Parabens á magistratura.

O drama é de simples entredo e d'uma acção reprovada. Passa-se no Rio de Janeiro e tem grande actualidade: como sabem, o chefe de policia, abusando d'uma autoridade que elle não tem, quiz tornar a senha obrigatoria nos theatros; a ordem sendo illegal, os empregarios recalcitraram e continuaram annunciando: Não ha senhas. Ferido em seu amor proprio, o chefe jura vingor-se, retira a força e commissaõ alguns capangas para irem assaltar os theatros...

+

Está ahí a peça do Dr. Correia de Menezes, representada hontem no Sant'Anna e que devia passar depois ao Recreio. O desempenho foi perfeito, e ás dez horas da noite havia no Sant'Anna uma gente de tal modo bisarra, que toda a outra abotou os casacos e sahio.

Mr. Cochelin, não podendo mais representar o seu repertorio, deve ter representado hoje ao ministro de França.

+

No Recreio, o Sr. Guilherme da Silveira com aquella severidade de pai Thomaz, fez frente aos vaudalos, que se retiraram promettendo voltar, talvez hoje, para a primeira da *condessa Romani*.

Antes do seu drama policial, já o Sr. Dr. Bezerra de Menezes outorgára permissão ao chapéo e ao cigarro, durante os espectaculos. O que os carecas sobretudo acham muito razoavel:

— Não ha panella sem texto.

Certamente é muito commodo, para mim, que eu possa ter o meu charuto na boca e o meu chapéo sobre o acciput; o que me incomoda, o que me irrita é que os meus visinhos façam outro tanto, tomando-me a vista com as suas cartolas de metro e meio e asphyxiando-me com a fu-

maça dos seus charutos que bem podiam ser do Havana...

Seria mais prudente não abusar tanto da liberdade. Quando em certos theatros tantos já se alliviam das botas, podem outros dispensar as calças; e as empresas seriam forçadas a inscrever em seus bilhetes:

„A ceroula é de rigor“.

+

Na representação de *Proces Vauvroux*, vi com prazer que ninguém estava sem calças — do lado dos homens. Apenas alguns braços nus — do lado das damas.

A representação esteve aliás bem alegre e divertida, os tres pequenos actos de Hennequin foram tão bem recebidos pelo publico, que já ninguém tem o direito de contestar a novidade do assumpto, nem a finura de espirito com que foi tratada.

Eu elogiarei antes de tudo Mr. Joyeux e repito com prazer o que disse por occasião de sua estreia:

„Adevinha-se-o um artista intelligente e tendo pleno conhecimento da sua arte.“

Mlle. Fantani, que os jornas teimam em escrever Fontani. Fontani... deu ao seu pequeno papel a *espliglerie* que se lhe conhece. E Mlle. Belyen, Deken... mostraram que a companhia do Sr. Cocheffin pode dar-nos boas comedias.

Nos *Dragons de Villars*, ainda em representação, faz Mlle. Musart uma Rose Fiquet bem fortida, energica, e todavia graciosa.

Eu vou lá que qui est bien en état de *grasse*.

Houve uma estreia nessa bella opera: o tenor Mollard desempenhou o papel de Sylvain — „Ne parle pas“ canta elle;

N'en parlons pas, portanto.

+

O Lucinda representa a *Botija*, de Hulevy e Meilhac, traducção do Sr. Pinheiro Chagas.

Poucas peças tem sido mais representadas entre nós do que a *Botija*, ora em francez *la Boule*, ora em portuguez. Quando o Alcazar ainda existia e tentou fortuna com as comedias, foi um dos seus successos e fornecem a Borgmainero uma das suas mais felizes e mais espirituosas caricaturas. Todos se lembram ainda da graça comica com que elle fez d'um collega nosso uma esphera perfeita — *la Boule*.

Hoje, a peça vive ainda e faz rir; mas elle, o nosso Borgo...

A principal censura que se pode fazer á *Botija* é uma certa falta de naturalidade nas situações; mas nas comedias para rir, isso é um pequeno detalhe de que o publico pouco se inquieto, desde que se diverte. A peça desenvolve-se aliás com tanta *verve*, tanta vivacidade, desempenhada pela Sra. D. Lucinda que faz de Mme. Patrel um typo jocoso, cujo character comico não exclue a naturalidade, pelo Sr. Eugenio de Magalhães e pelo Sr. Martins, o ridiculo Musardiéro, n'uma successão de peripecias de fazorem rir um inglez.

O Sr. Furtado Coelho tem um pequeno papel, um papel de quem descança: mas diffo e fallo com esmerada correção.

Podese portanto augurar afoitamente que a comedia de Hulevy e Meilhac — dois cerebros n'um só cráneo — será recebida no Lucinda com ruidosa e alegre gargalhada.

+

Estreou, no Recreio, o actor Galvão com o *Roanabode*; do Lucinda despediu-se o galan Torres, com o *Demi-monde*.

O publico mostrou-se muito satisfeito — sobretudo no Lucinda.

Do *Roanabode* já se disse: tirem-lhe os assassinos, os ladrões, os falsarios; e não restará senão o titulo. Mais ha titulos attraentes, e a sala enche-se todas as noites.

O actual successo do Recreio, porém são a *condessa Romani* e os *Carvoeiros*, de que fallaremos d'outra vez.

Até outra vista.

D. JUNIO

Notas e impressões

A sabedoria aprende-se como o grego e o latim e ninguém pensa em no-la ensinar.

E. ABOUT.

Quanto mais se sobe, dizem os habitantes dos Alpes, tanto mais cretinios se encontram.

VALTOUR

E' preciso ter grande elevação de espirito para ver com satisfação o homem que nos livrou de fazer uma tolice.

VALTOUR.

Nada é tão raro como o senso commum

K. BRITO.

BIBLIOGRAPHIA

A' habil penna de Dumas Filho, que tanto se tem exercido nas questões sociaes, deve a leitora mais um precioso livro.

Digo a leitora, porque n'esta obra — *As mulheres que matam e as mulheres que votam*, Garnier editor, versão de A. J. Fernandes dos Reis — discute o brilhante escriptor as desvantagens em que as leis e a moral collocaram a mulher na sociedade, mostrando a necessidade d'uma reforma que elle antevê provavel e não muito remota. Muito se ha rido — do lado dos homens — da pretensão da mulher ao voto; entretanto, atravez do estylo scintillante de Alexandre Dumas, os argumentos que elle invoca assumem uma força logica, tão convincente que, estou certo, os mais scepticos encararão desta vez o problema pelo seu lado serio. De mais, como elle proprio observa:

„Quando não é Molière que ri das coisas, ellas não correm grande risco.“

O *tue-tu*, que os tribunaes tem absolvido seria uma compensação ao *tue-la*... Mas o sexto mandamento?

Todos estão por certo ainda lembrados da maneira brilhante por que o Retiro litterario portuguez commemorou o tricentenário de Camões; aquelles mesmo que não assistiram a essa festa, tiveram d'olla conhecimento pelas noticias dos jornaes. A directoria do Retiro porém, sempre em veneração á memoria do grande epico, acaba de publicar em folheto uma descripção completa e bem escripta dos festejos que promoveu e realison.

N'um folheto *Assalto ao prelo!* publicou o Sr. Crabb quarenta sonetos, precedidos d'um prologo, em que o poeta vai ao deante da critica, affectando modestia, mas cheio de desdem e prevenção.

Diz-seja uma desafronta adeantada. E desrazoada talvez, porque ha qualidades apreciaveis nos seus versos; mas que má vontade á sociedade! que severidade na *charge!* Ha como que um rancor entranhado, vibrando constantemente nos seus sonetos. E a corda não é das mais sonoras.

Eco.

Livro da porta

Ao Sr. Gaspar da Silva.— Recebemos Luiz N. Fagundes Varela, apreciação escripta e bem impressa para ser distribuida no leilão de prendas que, por proposta que muito o honra, promoveu o Club litterario uberabense.— Obrigado.

Ao Sr. Bellarmino.— Não lemos, é muito grande, reduza á metade e mande.

Aos Srs. Manoel A. Guimarães & Irmão — Recebemos e agradecemos os exemplares da *Espirituosa*, polka por Etelvino O. Rebello; *Teos Affectos*, idem idem idem.

Pequena Chronica

A semana foi fatal, choveu muito, andou tudo triste e tivemos:

Um suicidio lamentavel na bahia, n'essa esplendida bahia do Rio de Janeiro, tão bella, tão propicia antes ás serenatas amorosas, e „tão digna de melhor sorte“, como se diz da patria, nos órgãos da opposição.

Outro em Minas, em Leopoldina, onde o lombo de porco é tão saboroso, o queijo tão fresco, e sobretudo tão verdadeiro!

Decididamente é mania de imitação!

Werther, o sorumbatico, afaça um ingiez que fez o calculo até o anno passado, conduziu mais gente ao suicidio, do que Napoleão á morte.

Se se pudesse estabelecer a vaccina contra o suicidio...

O Conservatorio dramatico vai finalmente ter os seus membros substitutos, absolutamente como o lbro tem os seus juizes que se alteram.

Eis as novas nomeações que dá o *Diario Official*:

Alberto Miranda, que substituirá o Sr. Barão de S. Felix, no impedimento deste;

Senador Uchôa, que na ausencia do Sr. João Cardoso, recusará as boas peças, autorizando as ruins;

O poeta Alvares, que em substituição do major Taunay, fará tanta opposição aos dramas dos outros, que os empresarios hão de acabar por montar os d'elle — bem montaveis, de resto;

Couselheiro Viegas, que venderá o Sr. Victor de Barros;

Falla-se ainda na nomeação de outros, todos aliás com direito a isso, pela fre-

quencia assidua nos camarotes do conservatorio.

— E' justo; legalisemos o abuso.

Ser homem de letras é a paixão que mais atropella os cerebros dos nossos compatriotas. Ora, sendo-se membro da censura, é-se — pelo menos officialmente — dramaturgo ou critico dramatico; logo: vae-se para o camarote do conservatorio sob qualquer pretexto:

Os que são parentes d'um membro da censura;

Aquelles que são parentes d'um outro;

Os amigos;

Os amigos dos amigos;

Aquelles que são convidados;

Os convidados dos convidados.

Finalmente os que ali entram por acharem a porta aberta.

E eis como se finge de litterato e não se paga entrada nos espectaculos.

— Pago a minha entrada, não prejudico a ninguem.

Perdão! O Sr. começa por tomar um lugar que lhe não compete, privando d'elle o seu legitimo dono; e paga uma simples entrada, quando vai repimpar-se no camarote, de que a empreza nunca se pode utilizar, mesmo que o conservatorio não vá porque o Sr. não falha. E' portanto um prejudicial, um importuno, um *cazete*.

Na semana ultima foram julgados dois réus, ambos accusados de furto.

Mesmo dia, mesma jury, mesmo juiz e o valor do furto quasi o mesmo. Um foi condemnado a oito mezes de prisão; o outro, a quatro annos!

— Houve differença nas circumstancias; o condemnado a quatro annos, penetrou por arrombamento; o outro achou a porta aberta.

Magnifica razão! O que achou a porta aberta e que não teve senão o trabalho de arrocadar o espolio, circumstancia atenuante: seis mezes; o que luctou, que trabalhou, que teve de arrombar a porta, que correu mais risco, empregou portanto mais coragem, circumstancia aggravante: quatro annos!

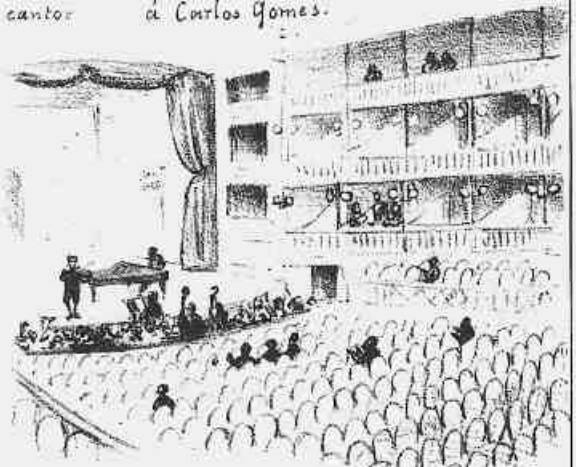
Oh! quem fez a justiça uma mulher cega, foi por força um genio de inspiração.

ALTER



Deslumbradas pela brilhante festa cariocana, os admiradores de Carlos Gomes quiseram fazer outra igual em homenagem ao maestro brasileiro. O entusiasmo chegou a feccidade. Quasi juraram um dia ao brasileiro compositor, para se mais parecença como cantor dos nazistas.

Cinquantos os estudantes gastavam os seus palmões n'um entusiastico berreiro, outros gastaram o seu cobre n'um sem numero de amolações de Carlos Gomes.



do alto conceito que lhe merecem os verdadeiros genios, deixando de comparecer ao concerto do Conservatorio que tornou-se ja na Europa uma celebridade aos 14 annos de idade.

É pois á Camões que o illustre maestro brasileiro deve agradecer tanto entusiasmo e não ao publico que deu provas.



A primeira vez que C. Gomes voltou da Europa, as ovacões sobre a bella Opera Guarany, não passaram da Confeitaria Castellos.

Podia o illustre artista brasileiro que acabara de obter o titulo de maestro passear livremente pela rua do Ouvidor que ninguem o incomodava. Estava longe o Centenario e o maestro nunca tinha ido a Bahia.

Não deram-me pois Domingos, tu és ainda menino. Mal vez alcançará o outro Centenario; desembarque na Terra do Vatapa Primeiro e depois vira a Corte e não te diga nada.